

**ELABORAÇÃO DE UMA COLEÇÃO DE REFERÊNCIA DA MASTOFAUNA EM  
ZOOARQUEOLOGIA PARA O “DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA” DA  
“UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA”.**

Robson Rogério Ravani - Universidade Federal de Rondônia-UNIR;  
[robson.ravani@gmail.com](mailto:robson.ravani@gmail.com); (069) 92977700 ou (069) 84267921.  
Juliana Rossato Santi – (orientadora) – Universidade Federal de Rondônia;  
[Juliana.santi@unir.com](mailto:Juliana.santi@unir.com).

**RESUMO:** O presente trabalho pretende elaborar a primeira coleção de referência ligada a mastofauna do curso de Arqueologia da UNIR. Será realizado, escarnação, dessecação e catalogar os ossos dos animais encontrados mortos nas rodovias, para realizar uma possível comparação e compreensão dos restos faunísticos presentes em Sítios arqueológicos da região.

**INTRODUÇÃO:** O presente trabalho tem por objetivos elaborar a primeira coleção de referência ligada a mastofauna do curso de Arqueologia da UNIR. Para Reitz e Wing (1999) um dos principais objetivos da Zooarqueologia é observar os aspectos do comportamento humano que abordam as questões sobre nutrição, estratégias de subsistência, captação de recursos, economia e processo de formação dos sítios arqueológico. Para as autoras o próprio termo zooarqueologia deriva de uma perspectiva antropológica ao estudar os restos faunísticos enfatizando os aspectos culturais. Dentro deste contexto, os estudos sobre os processos culturais envolvem uma compreensão das atividades do passado que levaram a formação do registro arqueológico Schiffer (1972). Estudar a formação do registro arqueológico significa alcançar o contexto sistêmico de que o contexto arqueológico é resultado. Conforme Schiffer (1987), cultura nada mais é do que comportamento. Assim, o contexto sistêmico refere-se aos artefatos e sua participação no comportamento humano (sistema vivo), e o contexto arqueológico seria o registro das atividades comportamentais depositadas no solo. Assim, pode-se afirmar que os contextos arqueológicos, no entanto, não falam por si; a compreensão desses processos de formação só pode ser alcançada se o arqueólogo desenvolver ferramentas teórico-metodológicas que lhe auxiliem a interpretar e dar sentido ao material que ele encontra. Os processos de formação, portanto, determinam a variabilidade do registro arqueológico, sendo responsáveis pela configuração, modificação, destruição e até mesmo a conservação dos padrões de deposição dos materiais encontrados no mesmo. Salientamos ainda que em âmbito nacional as metodologias de curadoria de coleção

zoológica estão bem difundidas na área das Ciências Biológicas e Paleontologia, porém, no que se refere a trabalhos sobre coleções direcionadas à zooarqueologia, os exemplos são incipientes. Nesse sentido a busca por elementos norteadores que possibilitem a melhoria das análises na área são essenciais. Isso significa que iremos realizar a elaboração de uma coleção de referência para ajudar no entendimento da formação do registro arqueológico nos futuros sítios que serão escavados junto ao Departamento de Arqueologia da UNIR, com ênfase ao material ósseo de mamíferos.

**MATERIAL E MÉTODO:** Os esqueletos utilizados em estudos zooarqueológicos devem estar desarticulados e livres de tecidos. Portanto, a metodologia do presente trabalho será adaptada para a utilização de mamíferos atropelados. O material coletado será identificado, fotografado, mensurado e deveria ser conservados em caixas térmicas com gelo para o transporte, no entanto nossa realidade não permite, porque depende muito da oportunidade onde não posso dispensa-las, por exemplo: estava indo da Universidade para casa se deparei com um Bicho Preguiça (*Bradypus tridactylus*) atropelado (foto 1) o recolhi imediatamente pois estava em decomposição. Então deveria levar para o laboratório, entretanto estou realizando a limpeza das vísceras e tecidos dos animais em casa, “mais preciso no quintal”, porque o mau cheiro é terrível, assim depois da retirada das vísceras e músculo, lavo bem os ossos para retirar o excesso de sangue e enterro a carcaça (foto, 2), espero assim o tempo necessário, pois depende do porte do animal, pode variar de dois meses até três meses em media, assim retiro os ossos (foto, 3) que serão levados para o laboratório onde serão submetidos ao processo fervura em um recipiente contendo Peróxido de Hidrogênio (P.H.). O tempo de fervura dependerá do porte do animal ou da parte anatômica fervida “pois a fervura pode ser constantemente observada”. Em seguida, a limpeza se complementar com uma lavagem em água corrente e o material deixado em local seco. O acondicionamento contara com identificação numérica da posição anatômica de cada osso do esqueleto desarticulado recebendo o número de tombo do exemplar, com tinta permanente (Nanquim). Depois de numerados, os ossos poderão ser acondicionados em caixas de plástico ou papelão. Classificaremos ainda, cada espécie, enumerando-a de forma sequencial e cada exemplar será registrado em livro tombo.



(Foto, 1)



(Foto, 2)



(Foto, 3)



(Foto,3)

**RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Em escavações arqueológicas realizadas nos sítios arqueológicos de Rondônia são resgatados vestígios escassos orgânicos ósseos, além de diversos outros tipos de materiais. Relevantes na definição das atividades econômicas/culturais do homem que viveu onde hoje vemos o que denominamos sítios arqueológicos, a Zooarqueologia, ou ainda a arqueofauna proporciona a reconstrução de um quadro mais completo dos costumes e do ambiente pretéritos. Contudo, para identificação do material faunístico obtido, torna-se necessária a constituição de uma coleção osteológica de referência composta de esqueletos da fauna atual utilizados para comparação com a arqueofauna. O presente estudo facilitará a identificação dos restos faunísticos de escavações que foram utilizados na dieta de grupos indígenas, ajudando a construir seu modo de vida, desde seu território de caça e á quais animais eram mais consumidos por esses grupos.

**CONCLUSÃO:** Este trabalho ainda encontra-se em desenvolvimento, pois se trata de elaboração de trabalho de conclusão de curso-TCC. Acredita-se que a pesquisa terá relevância não só no meio acadêmico, mas para a sociedade de um modo geral, tendo em vista que esta

coleção de referência da mastofauna atual em Zooarqueologia será a primeira a abranger esse tipo de estudo no Estado de Rondônia.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AURICCHIO, P.; SALOMÃO, M. G. **Técnicas de coleta e preparação de vertebrados para fins científicos e didáticos**. São Paulo: Instituto Pau Brasil, 2002. 348 p.

DAVIS, S.; PAYNE, S. 101 modos de tratar um erizo muerto: notas sobre La preparación de esqueletos desarticulados para uso zooarqueológico. *Archaeofauna*, v. 12, p. 203-211. 2003. Disponível em: <[http://www.archaeobones.com.br/wpcontent/uploads/2011/10/Davis-e-Payne\\_101-modos-de-tratar-un-erizo-muerto2.pdf](http://www.archaeobones.com.br/wpcontent/uploads/2011/10/Davis-e-Payne_101-modos-de-tratar-un-erizo-muerto2.pdf)> .Acesso em: 09 de out. 2011.

FERRASSO, Suliano. *Revista Tecnologia e Ambiente*, **Dossiê IX Jornadas de Arqueologia Iberoamericana e I Jornada de Arqueologia Transatlântica**, v. 19, n. 1, 2013, Criciúma, Santa Catarina. ISSN 1413-8131.

KAWAMOTO, Silvia Hoshi; PACHECO, Mírian Liza Alves Forancelli; MARTINS, Gilson Rodolfo. **Considerações acerca da curadoria de coleções zoológicas de referência com ênfase na zooarqueologia confecção da coleção osteológica de referência (mastofauna e ictiofauna) para aplicação em estudos zooarqueológicos em mato grosso do sul**. 1996.

MARTINS, U. R. A Coleção Taxonômica. In: PAPAVERO, N. (Org.). **Fundamentos Práticos de Taxonomia Zoológica: coleções, bibliografia, nomenclatura**. 2 ed. São Paulo: EUEP, 1994. p. 19-43.

MOOJEN, J. **Captura e Preparação de Pequenos Mamíferos para Coleções de Estudo**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. 98 p.

REITZ, E & WING, E. **Zooarchaeology**. Cambridge: Manuals in Archaeology. Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

ROSA, A. O. Panorama e perspectivas da zooarqueologia brasileira. In: **Temas de Arqueología: estudos tafonômicos y zooarqueológicos (I)**. Buenos Aires: Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, 2008. p. 133-152.

SCHIFFER, M. B. A natureza da Evidencia arqueológica. **Formation Processes of the archaeological record**. P. 3-11, 1987.

SCHIFFER, M. B. Archaeological context and systemic context. **American Antiquity**. 37 (2): 156-165, 1972.